

Fortes D'Aloia & Gabriel

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971 | 22470-051 Rio de Janeiro Brasil

T +55 21 3875 5554 | www.fdag.com.br

Uma Canção para o Rio (parte 2)

Em colaboração com Douglas Fogle e Hanneke Skerath

Com obras de

Armando Andrade Tudela | Barrão | Vivian Caccuri | Los Carpinteros | Bruce Conner

Martin Creed | Chelpa Ferro | Paulo Garcez | Marine Hugonnier | Agnieszka Kurant | Arto Lindsay

Vincent Meessen | Dave Muller | Rivane Neuenschwander | Hélio Oiticica & Neville D'Almeida

Nuno Ramos | Bárbara Wagner & Benjamin de Búrca | Kelley Walker

18/fevereiro – 25/março, 2017

A Fortes D'Aloia & Gabriel tem o prazer de apresentar a segunda parte de **Uma Canção para o Rio**, exposição inaugural da **Carpintaria**, concebida em parceria com os curadores Douglas Fogle e Hanneke Skerath (Studio LBV, Los Angeles). Nesta segunda parte, novos artistas são introduzidos ao grupo assim como novas obras de artistas participantes da primeira parte da exposição.

Barrão elege a fita cassete como signo para música em sua série de esculturas. Feitas em resina de cor branca, essas peças trazem imagens afetivas ligadas a essa mídia obsoleta, ao mesmo tempo em que aludem a nomes como William Basinski e Aki Onda, artistas experimentais que utilizam o cassete em suas produções. **Nuno Ramos**, por sua vez, presta homenagem a Pixinguinha e Benedito Lacerda em *Vou Vivendo* (2017). Na escultura, um saxofone e uma flauta transversal (instrumentos usados na canção homônima desses dois compositores) são incrustados em dois blocos de pedra sabão e conectados por um tubo de vidro com cachaça. Em *Luz Negra* (2002) – vídeo do artista que será exibido na programação especial da mostra –, sete alto-falantes são enterrados no solo para tocar a canção *Juízo Final* de Nelson Cavaquinho, abafando a voz do intérprete.

Capas de discos também são objeto de reinterpretação na mostra. Elas estão no cerne da produção do americano **Dave Muller**, que transforma imagens icônicas de vinis e CDs com sua pintura expressiva e pessoal. Dentro de uma série de trabalhos feitos a partir de memórias de infância de pessoas conhecidas, **Rivane Neuenschwander** recria seis capas de Chico Buarque em pinturas sobre madeira. A estrutura gráfica e as cores se mantêm, mas rostos e palavras são omitidos, em um eco difuso de uma lembrança setentista – uma samambaia, a planta doméstica típica da época, acompanha as capas. Na série de fotografias *Hendrix War / Cosmococa Programa-in-Progress* (1973/2003), **Hélio Oiticica e Neville D'Almeida** intervêm na face de Hendrix, desenhando as *mancoquilagens* sobre o álbum – termo criado pelos artistas para nomear essa espécie de máscara/maquiagem com trilhas de cocaína.

A francesa **Marine Hugonnier** insere cores e imagens às partituras de Arnold Schönberg (na obra *Accompaniment for a Cinematographic Scene - Film Score*, 2016) e de John Cage (em *Sonic Mirage I*, 2014), que agem como comentários visuais inspirados pela música. Em movimento semelhante, o carioca **Paulo Garcez** (1945–1989) tensiona desenho e escrita na série de litogravuras *Variações Musicais* (1985).

O inglês **Martin Creed** interessa-se pelo movimento dos corpos em *Work No 1701* (2013), vídeo musical em que registra pessoas com dificuldades motoras ao atravessarem uma rua de Nova York. Já no filme *Breakaway* (1966) de **Bruce Conner** (também exibido na programação especial da mostra), música e dança se mesclam em ritmo frenético. As noções de ritmo e movimento também aparecem em *Chuva Suave* (2016) de **Vivian Caccuri**, no qual ela usa telas de proteção, cabos de áudio e carrilhões musicais para reinterpretar a paisagem sonora do centro do Rio de Janeiro.

Estás vendo coisas (2016) de **Bárbara Wagner e Benjamin de Búrca** apresenta a música como catalisador político e cultural a partir da indústria de vídeos na cena pernambucana. Sob um viés psicológico, o filme revela

personagens reais da música Brega e seu papel na construção da identidade de toda uma nova geração de artistas populares. A abordagem política também é mote para o trabalho de **Armando Andrade Tudela**. Em *Berimbau Consciência* (2017), lê-se a frase “This Machine Kills Fascists”, numa alusão à mensagem que o músico americano Woody Guthrie estampou em sua guitarra em 1941. O deslocamento que Tudela opera – seja na transição histórica entre a 2ª Guerra Mundial e os tempos atuais; seja na transposição da guitarra para um instrumento de origem africana que é associado à resistência dos escravos brasileiros – acaba por dar fôlego à ideia de que a música (e em sentido mais amplo, a própria identidade cultural) podem servir como luz para os tempos mais sombrios.

Serviço

Exposição: Uma Canção para o Rio (parte 2)

Carpintaria: Rua Jardim Botânico 971 | 22470-051 | Rio de Janeiro, Brasil | T +55 21 3875 5554

www.fdag.com.br/carpintaria

Abertura: Sábado, 18/fevereiro/2017, 19h – 22h

Exposição: 18/fevereiro – 25/março, 2017

Visitação: Terça – Sexta: 10h – 19h | Sábados: 10h – 18h

Programação especial

Sábado, 18/fev/2017

19h: Performance de Arto Lindsay

20h: Projeção dos filmes *Breakaway*, de Bruce Conner e *Conga Irreversible* de Los Carpinteros

Sábado, 18/mar/2017

20h: Projeção dos filmes *One.Two.Three* de Vincent Meessen e *Luz Negra* de Nuno Ramos

Informações para imprensa

Canivello Comunicação

Mario Canivello | mario@canivello.com.br | +55 21 99972 6572

Julia Enne | julia.enne@canivello.com.br | +55 21 98505 4555

www.canivello.com.br

Fortes D’Aloia & Gabriel

Tatiana Gonçales | tatiana@fdag.com.br | T +55 11 3032 7066